

Órgãos Históricos dos Açores



Interior da igreja-matriz de S. Sebastião, de Ponta Delgada, com o órgão colocado lateralmente do lado do evangelho (Fotografia, ca. 1898)

A presença de um número considerável de órgãos históricos nos Açores manifesta a relevante ação cultural desenvolvida nas ilhas na época áurea da arte organística e organeira portuguesa.

Destaca-se aqui, no último quartel do séc. XVIII, a obra de Joaquim António Peres Fontanes e António Xavier Machado e Cerveira. O primeiro foi o construtor do antigo órgão da Sé de Angra, destruído no incêndio de 1982, e dos órgãos da igreja de S. José e do Carmo, em Ponta Delgada, bem como aquele por nós identificado na igreja de S. Antão na ilha de S. Jorge. Já António Cerveira assinou os das igrejas de S. Sebastião e S. André, em Ponta Delgada, das igrejas dos Fenais da Luz e Capelas, e outros espalhados por diversas ilhas. Estes organeiros, representados no conjunto de órgãos da Basílica de Mafra, são os criadores da escola de organaria portuguesa, tendo inventado um tipo de instrumento, cuja configuração quer do ponto de vista técnico quer artístico, o distingue de outros da mesma época. Durante o séc. XVIII seriam raras as igrejas açorianas que não tinham órgão.

No século seguinte aparecem novos instrumentos, mais adequados à época, marcada por diferentes gostos e formas de musicar. Nesse período surgem vários nomes a construir órgãos, nomeadamente em S. Miguel, destacando-se o padre Silvestre Serrão e João Nicolau Ferreira. Silvestre Serrão era organista titular da igreja de S. Maria de Belém (Jerónimos), em Lisboa, tendo por contingências pessoais se

deslocado para os Açores, onde foi colocado na igreja de S. Sebastião, em Ponta Delgada. Conhecedor da arte de fabricar órgãos, iria construir o da igreja de S. Pedro, naquela cidade, e ainda oito mais, como os Ajuda da Bretanha, S. António e Capelas. Teve para isso a ajuda do destacado marceneiro João Nicolau Ferreira. Juntos não só construíram novos instrumentos como ainda repararam e mantiveram outros já existentes.

Ainda durante o séc. XIX surgem diversos instrumentos de qualidade vindos de outras escolas, nomeadamente da Alemanha, como o da igreja de N. S.^a do Rosário da Lagoa.

No início do séc. XX, vai aparecer nos Açores, nomeadamente S. Miguel, um tipo de instrumento de características pouco vistas no meio organístico português, designado na época e localmente como *órgão moderno*. Inserido por um hábil marceneiro natural do Faial, de nome Manuel Serpa da Silva, que estando em New Bedford foi admitido numa fábrica de órgãos, encaminhando de lá alguns instrumentos para as ilhas. Não sendo de qualidade excelente, representam no entanto uma época histórica única, pois não se fazem notar em outra parte do País. Temos como exemplo os órgãos das igrejas de S. Jorge (Nordeste) e de S. Miguel (Vila Franca). Manuel Serpa da Silva também interveio nalguns instrumentos históricos, substituindo os sistemas originais de produção de vento por outro mais moderno. Ainda no séc. XX iriam surgir outras pes-



Órgão da paróquia de S. José (vista geral)



Órgão da paróquia de S. José (detalhe das trombetas)



O organeiro Dinarte Machado

soas a intervir nos órgãos locais, no sentido de os manter a tocar, embora sempre parcialmente e uma maneira notoriamente deficiente.

Após o sismo de 1980, sentiu-se a necessidade de salvaguardar o património das igrejas afectadas, incluindo os órgãos históricos. Assim que chega às ilhas Luís Esteves Pereira, de Famalicão, com o intuito de desmontar aqueles que estivessem em perigo, intervindo entre outros, nos órgãos de Angra do Heroísmo, das igrejas de N. S.^a da Guia, de S. Gonçalo, do Colégio dos Jesuítas e da Sé.

Em 1987 iríamos iniciar-nos profissionalmente na arte de organeiro, após termos tentado reparar o órgão da igreja de S. Jorge, na vila do Nordeste, a que se se-

O órgão da igreja Paroquial de São José

Da autoria de Joaquim António Fontanes, organeiro com oficina em Lisboa, foi encomendado em 1797 para a igreja dos franciscanos de Ponta Delgada, hoje paróquia de S. José. É, pelas suas características técnicas e sonoras, o mais importante Órgão Histórico dos Açores.

Inicialmente esteve colocado num coreto sob o primeiro arco do lado do Evangelho, situação usual nos conventos, pois facilitava o apoio às vozes que cantavam no coro, apresentando por isso tubos nos planos laterais.

Sofreu várias alterações ao longo da existência, para o adaptar às exigências musicais de cada época, sendo de destacar a efectuada pelo Padre Silvestre Serrão em 1856.

A sua actual localização, no coro da igreja, data de 1947/48. Entre 1991 e 1995 foi restaurado pelo organeiro Dinarte Machado. ♦

guiram outras intervenções muito primárias e pontuais. Hoje, com 25 anos de carreira, restauramos mais de 70 instrumentos, entre os Açores, Madeira, Continente português e Espanha. Construímos ainda de raiz 14 órgãos, alguns de grande dimensão, como os novos instrumentos da Sé de Angra ou da igreja de São Francisco de Assis em Lisboa, e, ainda outros de menor dimensão em várias escolas de música nacionais.

Não gostaria de terminar, sem referir que o meu trabalho de restauro do conjunto histórico dos seis órgãos da Basílica do Palácio Nacional de Mafra foi galardoado com o prémio Europa Nostra. Motivo de orgulho e satisfação, que dedico de forma especial aos Açores, pois foi o estudo profundo e meticuloso dos seus órgãos históricos que facultou as bases do meu conhecimento. Esta é a minha principal escola, a da organaria portuguesa do último quartel do séc. XVIII, aquela faz chegar o Património material e imaterial nacional a uma Universalidade sem paralelo. ♦

DINARTE MACHADO
MESTRE ORGANEIRO
dmorgaos@gmail.com

PROMOTOR



Governo dos Açores
PRESIDÊNCIA DO GOVERNO
Direção Regional da Cultura